

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

O Estado de São Paulo

Class.:

RO

Data:

14.05.82

Pg.:

ESP 14.5.82

Apoena deve explicar hoje motivo da saída

Do correspondente em
PORTO VELHO

As vésperas de deixar a Funai, nem que seja apenas por algum tempo, o sertanista José de Apoena Meirelles — que desde 1979 responde pela 8ª Delegacia Regional do órgão, com jurisdição sobre Rondônia, Acre, Sudoeste do Amazonas e Noroeste de Mato Grosso — continua defendendo a política da Fundação. Prefere não fazer críticas a ninguém em especial, repetindo sempre que “a Funai deve ser fortalecida”, e que “passam os homens, mas a entidade fica”. Apoena diz que ninguém é responsável pela sua saída, que acontece “porque acho que não dá mais para somar e não quero continuar para não dividir”.

Entretanto, não explicou a razão dessa colocação de “não dividir”, preferindo aguardar uma conversa que deverá ter hoje em Brasília com o presidente da Funai.

Para Apoena, o único órgão que faz algo pelo índio no Brasil é mesmo a Funai. “Se não fosse a fundação não existiria mais nenhum índio no País. O Cimi — Conselho Indigenista Missionário — só cria problemas, falando e nada fazendo. Cria antipatia pela causa indígena, prejudicando o índio com reivindicações absurdas e provocando no colono um sentimento de revolta contra as tribos”, acrescentou.

O mesmo conceito que faz o Cimi, estende às outras organizações, como as diversas comissões pró-índio: “Tudo só de falar e não se agir. Uma vez cheguei a fazer um desafio ao Cimi, para que ficasse responsável pelo trabalho com uma das tribos na nossa jurisdição e eles nem coragem de dar uma resposta tiveram”. Os membros dessas organizações, na opinião de Apoena, são apenas “os heróis da abertura”.

Ele negou que a política indigenista em vigor, admita qualquer tipo de paternalismo com o índio, que é “um indivíduo que só faz as coisas quando acha que deve fazer. Entendo o índio como um ser humano, com suas falhas e acertos, e não com a visão romântica de José de Alencar que muitos insistem em ter, como se tentassem colocar o índio numa redoma de vidro, apenas para ser olhado pelos outros, mas sem direito a participar efetivamente da sociedade em que vive”.

“Levo qualquer crítico da Funai a qualquer aldeia que tenho jurisdição — desafiou Apoena — e provo a auto-suficiência desses grupos: a Funai não tem trabalho paternalista na 8ª Delegacia Regional, pois em cada aldeia há roças, plantações de lavouras, extração de seringa. Com isso o índio promove sua autogestão e compra o que quiser, sem perder suas características. É por isso que agora, quando estou saindo, passo um telegrama para todos os chefes de postos da 8ª Delegacia, lembrando que a Funai deve ser fortalecida com a continuidade do trabalho até então executado em defesa do índio, mesmo contra os interesses de muitos.”

Sobre as recentes declarações do governador de Rondônia, Jorge Teixeira, que disse em Brasília que a política fundiária em relação ao índio tem de ser revista porque “tem muita terra para poucos índios”, Apoena Meirelles afirmou que “Teixeira fala assim, pois nunca quis visitar uma aldeia”. E explicou que admite que essa declaração do governador “tenha apenas cunho político, mas pode certamente ter influenciado os colonos que o encaram como um semideus”.

O que Apoena não admite é que a posição do governador de Rondônia possa ter sido a “gota d’água” que causou seu pedido de demissão. E ele ressalta que “o governador não vai nunca passar por cima do Estatuto do Índio — o Teixeira não é louco de desrespeitar a lei que, como governante, ele tem de cumprir”. Mas o sertanista reconhece que a declaração de Jorge Teixeira pode gerar problemas devido a interpretação que os colonos podem dar à frase “muita terra para pouco índio”.

Ele disse até que “isso pode gerar uma invasão de reservas e mortes”, e citou que ainda há alguns meses, na reserva Suruí, três colonos entraram e morreram. “Os próprios índios estão policiando suas terras e quem entrar nelas morre. A frase de Teixeira agitou as reservas”, acrescentou.

Os problemas de Apoena com o atual governo de Rondônia não são novos: em 1980, o então secretário de Agricultura William Cury fez declarações semelhantes. Entretanto, desde a ocasião, Cury nada mais falou sobre terras indígenas. Mas mesmo com esta diferença, o governo do Estado participou ativamente do trabalho de remoção das 250 famílias de posseiros que invadiram a reserva Suruí e foram retirados pelo Incra.

“O Teixeira não é louco de incentivar uma invasão de reserva indígena, porque sabe que isso é ilegal, e também nunca vai deixar de apoiar a Funai, pois faz parte de suas obrigações”, concluiu o sertanista.

Afirmou ainda que sai da Funai acreditando ser este “o único organismo que faz realmente alguma coisa pelo índio, além disso sou contra a redução de áreas das reservas a qualquer título. Não faço nem vou fazer política partidária, nem escrever livro ou trabalhar para qualquer organismo. Quero sair limpo da Funai, descansar e decidir o que vou fazer só mais tarde”.

Apoena Meirelles, porém, não abre mão de uma coisa: “Mesmo fora da Funai não vou perder de vista o trabalho que foi feito em Rondônia com o índio e ninguém vai me proibir de descer com um avião numa reserva para conversar com os índios. O que quero mesmo agora é ficar um tempo fora da Funai, ser um cidadão comum, longe dos noticiários dos jornais, mas garanto que mesmo fora tenho condição de influenciar, porque agora vou ter uma visão diferente da organização e do índio”.